

J. A. GAIARSA

A FAMÍLIA DE QUE SE FALA E A FAMÍLIA DE QUE SE SOFRE

O livro negro da família, do
amor e do sexo



A FAMÍLIA DE QUE SE FALA E A FAMÍLIA DE QUE SE SOFRE
O livro negro da família, do amor e do sexo
Copyright © 1986, 2015 by José Angelo Gaiarsa
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Capa: **Marianne Lépine**
Produção editorial: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

PREFÁCIO À EDIÇÃO AMPLIADA

Relendo três de meus livros – *A família de que se fala e a família de que se sofre, Sexo, Reich e eu e Poder e prazer* –, notei certas incongruências e, de comum acordo com a Editora Ágora, resolvemos fazer algumas modificações a fim de saná-las.

O terço médio de *A família de que se fala* cabe muito melhor como acréscimo a *Sexo, Reich e eu*, que cuida de temas como amor, transferência, arte erótica e tantra.

Nesse caso, *A família de que se fala* ficaria muito reduzido e, por isso, reunimo-lo ao *Poder e prazer*. Originalmente, aliás, constituíam o mesmo livro, mas, dado seu volume, a editora aconselhou-nos a dividi-lo em dois, ambos subordinados ao título *O livro negro da família, do amor e do sexo*. O volume que você tem em mãos é a soma do que restou de *A família*, mais o texto integral de *Poder e prazer*, recompondo-se, assim, a unidade original do estudo sobre a família.

Portanto, os três títulos anteriores estão reagrupados em: *A família de que se fala e a família de que se sofre* e *Sexo, Reich e eu*, ambos consideravelmente ampliados.

JOSÉ A. GAIARSA

SUMÁRIO

Prefácio à edição ampliada.	5
Profecia do passado	9
Os códigos secretos deste livro (e dos teus)	11
Avisos e conselhos ao leitor	15
1 A grande mãe e a criança divina – e tudo que fazemos contra elas	19
2 Má-mãe	33
3 Falsas expectativas amorosas	59
4 Carta aberta de muitos pais para muitos filhos	65
5 Antítese: a explosão sexual da propaganda	67
6 Conspiração contra a felicidade.	69
7 Soluções	73
8 Família e poder	129
9 Poder e prazer (Reich e a antropologia).	143
10 Erotismo infantil	153
11 Desenvolvimento cerebral, sexo e cultura	173
12 Histórias edificantes	183
13 A monopoligamomania da humanidade ou como a guerra começou	189
14 Ferocidade ou como a guerra continuou ou origem infantil do delírio jurídico da humanidade	201
15 Briga de casal	219
16 Despedida esperançosa	301
17 Última página	307

PROFECIA DO PASSADO

Leitor,

Se em algum ponto da leitura você se sentir tocado ou perturbado – pode acontecer! –, pense assim – ou venha reler estas linhas:

Creio estar falando, neste livro, o tempo todo, de uma família que certamente não existe mais nas grandes coletividades. Só existe na mente – e no corpo, no jeito e no caráter – das pessoas.



Este livro pretende:

- Inspirar novas leis sobre a família.
- Instrumentar o leitor para que ele se recoloca perante a Família – a de fora e, sobretudo, a de dentro.

A INSPIRAÇÃO ÚLTIMA DESTES LIVROS

A inspiração última destes livros é meu amor pela criança humana – e minha indignação diante de tudo que tem sido feito *contra* ela sob o nome respeitável de educação.

Leitor, compare uma criança com o adulto. De um ser versátil, vivo, alegre, curioso, prazenteiro, “cientista” natural e explorador incansável de seu mundo, fazemos o famoso “normopata”, limitado em sua ação, em seus sonhos e realizações, pouco móvel, nada curioso, bastante incoerente no seu pensar, constituído de duas dúzias de preconceitos repetidos automaticamente por todos sem saber muito bem do que estão falando. Vale a pena essa “educação”?

Esta obra é áspera e severa contra a família, mostrando a cada página o que fazemos conosco (marido e mulher) e o que fazemos contra a criança.

A família atual, ao contrário dos preconceitos dominantes nas falas coletivas, *está deveras muito longe de ser o melhor lugar do mundo para o desenvolvimento dos seres humanos*. Muito pelo contrário, ela “fabrica” cidadãos limitados para um sistema social injusto, opressivo e explorador.

Espero que ao ler o pior deste livro você se lembre bem dessas declarações.

OS CÓDIGOS SECRETOS DESTE LIVRO (E DOS TEUS)

Se me convidassem para avaliar a maior dificuldade quando se pretende conseguir cooperação efetiva entre os homens, eu diria: “O maior erro induzido pela *comunicação verbal* é o de levar as pessoas a crer – todas e tacitamente – que o que é dito é feito e, uma vez falado, está resolvido”.

Note-se: esse é um preconceito *lógico*, isto é, situado nas raízes da inteligência. Ele vicia, por isso, *todos* os argumentos.

A negação dialética desse preconceito esclarece mais.

Não fazemos – ninguém faz – quase nada do que dizemos.

Não dizemos – ninguém diz – quase nada do que fazemos.

De vários arraiais das psicoterapias, faz-se cada vez mais claro que:

- a conversa usual é um contínuo desconversar – um modo de *não* estar presente a nada do que importa, a nada do que poderia ser feito, sentido ou percebido aqui e agora;
- a conversa usual é uma forma típica de *encenação social*. A mesa do bar, a roda da esquina ou mesmo um grupo de visita são uma *audiência disponível*. Cada um dos presentes tenta ser protagonista, isto é, tomar e manter a palavra (conseguir e conservar a atenção do grupo).

A conversa, em suma, não é nada do que está sendo falado! É preciso começar daí. Na verdade, na maior parte do tempo ela está muito próxima de ser

O CONTRÁRIO

do que está sendo dito.

O falar usual, de passatempo, tem tudo que ver com um palco onde cada um tenta, continuamente, *representar como ele gostaria de ser*. Portanto, pouco tem a ver com o que ele faz, sente ou é.

Sempre que houver briga entre nós, leitor, tente deixar de *me dizer o que você pensa* e comece a pensar

NO QUE VOCÊ VÊ.

Só isso. Obrigado.

Se o sentido desses meus reparos for obscuro, leitor, leia o seguinte, com o qual se pode começar a ver a distância infinita entre as palavras e as coisas:

O Santo Amor Cristão

“Tantos escravos foram embarcados na Ilha de Moçambique que um trono de mármore foi erguido na praia diante do palácio.

Era ali que o bispo se postava, diante dos *escravos acorrentados, sacudindo as mãos* para convertê-los ao *Cristianismo*.

Assim, se morressem na viagem iriam para o Céu. Era uma *prudente precaução* porque os navios partiam tão atulhados que 30 a 40% dos escravos morriam não muito longe da ilha. Os corpos eram jogados ao mar. Mas todos morriam como bons cristãos.”¹

Graças a Deus!

Um Matrimônio Estável e Feliz

“Roberto e Marta estavam casados há 12 anos e mantinham uma relação feliz e estável, com exceção de um aspecto: Marta tinha ciúme de toda mulher que trabalhava com o marido. *Controlava todos os horários e fazia as maiores cenas* quando Roberto se atrasava alguns

1. MICHENER, James A. *Os rebeldes*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

minutos na volta do trabalho para casa. Ele tentou adaptar-se ao ciúme da mulher mas não conseguiu. Quando precisava mudar de secretária, sempre tentava contratar mulheres mais velhas, feias ou casadas. Evitava dar carona a elas ou a qualquer colega de trabalho, não convidava nenhuma para almoçar, não fazia qualquer outra delicadeza desse tipo. Em casa, sempre falava desses sacrifícios para a mulher, na esperança de tranquilizá-la e tornar a vida de ambos mais fácil. Mas nada funcionava.”

... E MANTINHAM UMA RELAÇÃO FELIZ E ESTÁVEL²...

Veja-se a espantosa inconsciência do autor. Ele descreve um inferninho matrimonial crônico e típico. Mas, como as vítimas *continuam juntas*, ele se sente no direito de chamar esse matrimônio de feliz.

Além disso, o autor não percebeu nem de longe as manobras astutas do marido, destinadas a alimentar o ciúme da mulher: “Em casa, sempre falava desses ‘sacrifícios’ para a mulher, na esperança de tranquilizá-la e de tornar a vida de ambos mais fácil. [...]”

2. VÁRIOS AUTORES. *Nova enciclopédia de amor e sexo*. São Paulo: Nova Cultural, fasc. 1, p. 15-16.

AVISOS E CONSELHOS AO LEITOR

Este livro é perigoso. Na verdade, subversivo – contra a ideologia da Família. Contra tudo que se diz da família – lembre-se, leitor. Tento dizer, o tempo todo, o que se vê da Família (também o que se sente) e não o que se diz sobre ela.

Mas nossas ligações – de todos – com essa instituição são por demais profundas e um ataque encarniçado e tenaz contra a ideologia pode causar confusão. Porque tudo que a família tem de bom é falado – demais. A ideologia da Família, ouvida a cada instante em qualquer lugar, arquiteta-a além de toda medida, fazendo que todos creiam que ela seja uma instituição sagrada e perfeita.

O que é contra tudo que todos experimentam.

Pais e mães são tão falíveis quanto os filhos – ou como todos. Ver os defeitos da Família faz-se muito difícil *mesmo quando é igualmente claro que nossos maiores sofrimentos e dificuldades têm precisamente essa origem.*

Para que o leitor entenda rapidamente do que estamos falando, lembramos um dado arrasador. Com certeza, *mais da metade dos pais brasileiros é alcoólatra crônica*, e é bem possível que um terço das mães também o seja. Devemos, ante essa calamidade pública, continuar dizendo “Pai é pai”, “É preciso respeitar o pai – faça ele o que fizer” e outras frases feitas de mesmo teor?

Será que, pelo fato de dar à luz, qualquer mulher se transforma em Nossa Senhora ao sair da maternidade? Isso é o que reza o preconceito. Mãe faz muito bem *e muito mal ao mesmo tempo* – é como *sentimos* todos desde que nascemos.

O livro é implacável contra essas noções ideais. Chega a ser cruel contra essa pieguice de todo cega.

Freud não fez outra coisa se não a análise da Família e de tudo que ela pode fazer de mal às pessoas.

Se confrontarmos o que se diz *em público* sobre a família com o que as pessoas *se queixam e reclamam dela* em particular, concluiremos que todos têm duas Famílias, a Pública (sempre feliz) e a Particular (sempre bastante problemática). Daí o título deste livro.

Dois terços desta obra *contêm descrições diretas do que as pessoas vivem, sentem e pensam sobre a Família, o Amor e o Sexo*. Por isso, ele pode exercer muita influência sobre todos os que o lerem, pois fala de nós o tempo todo.

A maior parte das declarações feitas aqui será lida, num primeiro movimento, como descoberta do óbvio: afinal, será alguém dizendo tudo o que está diante do nariz, que todos *veem e sentem* mas ninguém fala – nem a si mesmo!

O segundo movimento será de medo, de chão balançando – pois a Família é nossa raiz e nosso chão.

É possível que o terceiro movimento seja contra mim – como bode expiatório. Como tantas vezes na história da desumanidade, quem *denuncia* é tido como *quem fez...* O livro mostra, também, que em nosso mundo existe uma *perseguição sistemática, tenaz e minuciosa* contra o amor; de novo, ao contrário da maior parte *das falas* das pessoas.

Esta obra é, graficamente, uma revista. O leitor poderá abri-lo em qualquer lugar e lê-lo, com a certeza de encontrar dizeres com sentido. Há desde ensaios de dezenas de páginas até “notícias” de poucas linhas, casos, histórias.



Este livro nasceu de muitas fontes.

Primeiro, de Freud, que confirma o que é dito aqui de modo categórico. Gosto de pensar que a obra é apenas uma *generalização* do que Freud disse. O livro precisou de toda a elaboração de vários psicana-

listas que continuaram a obra do Mestre – sempre mostrando *os perigos* da Família, e tudo *que ela faz de mal* às pessoas.

Em particular, devo muito a Reich, abundantemente citado, e a Jung, meus amigos – velhos amigos. Devo, também, aos mil estudos sobre psicologia dinâmica, todos mostrando a péssima influência que se exerce na Família. Curiosamente, “filhos de pais separados têm muitos problemas”, diz o preconceito. Mas nem 1% dos problemas de consultório de psicoterapia têm que ver com a separação dos pais. Diz-se que 99% das pessoas que buscam auxílio por dificuldades pessoais são filhos de famílias inteiras – outra demonstração da força dos preconceitos, impedindo até a percepção dos sentimentos e sofrimentos próprios.

O livro utilizou também muitas estatísticas e vários outros textos de apoio, é claro.

Usou – usei –, além disso, 50 anos de atividade psicoterápica intensa e contínua, ao longo da qual acompanhei, com certeza, várias centenas de famílias, ouvindo e vendo *a verdade* sobre elas. No consultório, as pessoas esforçam-se para dizer a verdade, e boa parte do trabalho consiste em levá-las a perceber a multidão de expectativas falsas que a família despertou nelas.

Utilizei, ainda, a experiência de quatro casamentos pessoais, outros quase 40 anos agora vividos “por dentro”, dia a dia, hora a hora... Tudo acompanhado por intensa pesquisa interior e mil conversas comigo mesmo ou com amigos e amigas sobre tantos porquês e tantos como.

E tanto sofrimento.

A GRANDE MÃE E A CRIANÇA DIVINA – E TUDO QUE FAZEMOS CONTRA ELAS

É preciso rever a fundo os dois mitos correlatos: a Grande Mãe e a Eterna Criança. Ambos ligam-se ao Velho Patriarca (autoritarismo) do modo mais íntimo que se possa imaginar.

O Mito – como todos os Mitos – é maravilhoso; tanto mais maravilhoso quanto mais obscura e importante a situação representada por ele, mas, sobretudo e principalmente, *tanto maior quanto mais descurada na realidade a função que ele representa.*

O mundo ocidental diz ser cristão. Caridade: amor pessoal de cada um por todos os outros. Mas é fácil ver que esse amor na prática é violentamente negado pela aprovação tácita de todos *a favor* de uma competição sem quartel, de uma admiração altamente patogênica pelos poderosos – cuja glória é proporcional, invariavelmente, ao volume de sangue humano que o Glorioso fez correr e os livros de história consagram como modelos (e apresentam assim às crianças...).

A realidade – a “moralidade” – do homem ocidental (receio que do oriental também) é: “Conquiste poder de qualquer modo”. No início há certo risco de ser apanhado, mas depois do sucesso nada mais de mal pode acontecer ao bem-sucedido. Só podemos odiar ou temer ao amor, pois nada compromete mais as pirâmides de poder.

O mundo ocidental é odioso e medroso: não é nada amoroso. Por isso falamos tanto em Cristianismo e amor ao próximo. Como sempre, se esse amor existisse mesmo, não seria preciso fazer tanta demagogia a respeito de sua existência ou de seu valor.